

## **O LIVRO INFANTIL COMO POSSIBILIDADE: REFLEXÕES SOBRE OS DIÁLOGOS QUE SE ESTABELECEM NO PROCESSO DE LEITURA DO LIVRO A VISITA, DE ANTJE DAMM**

Gabriele Damin de Souza<sup>1</sup> (UFSC)

Fabiana Giovani<sup>2</sup> (UFSC)

**RESUMO:** À luz da perspectiva bakhtiniana, que concebe a linguagem como forma de interação social, assumimos a leitura como um processo dialógico de construção de sentidos. Olhamos, portanto, para a materialidade do texto escrito como local de diálogo entre leitor e escritor, o que caracteriza o ato de ler como responsivo. A partir desta perspectiva, objetivamos investigar as possibilidades do livro infantil, no sentido de compreender os diálogos que são estabelecidos entre o texto, seu contexto e seu leitor, para tanto, foi selecionado o livro “A visita”, de Antje Damm. Propõe-se, neste trabalho, esboçar uma análise sobre a construção dos seus sentidos, para isso, optou-se pela metodologia do paradigma indiciário, desenvolvida por Carlo Ginzburg (1989), que, em consonância à perspectiva heterocientífica de Bakhtin (2003), permite debruçarmo-nos sobre a linguagem sem generalizações ou “coisificações”. Como resultado, a análise desenvolvida evidenciou que o livro, como unidade real do discurso, não se limita às páginas impressas, ao contrário expande-se e dialoga com os textos que o precederam, com o contexto de sua produção e, principalmente, com o seu leitor e neste movimento de alternância de vozes são constituídos os seus sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura; literatura infantil; estudos bakhtinianos; paradigma indiciário.

**ABSTRACT:** Based on the Bakhtinian perspective, which conceives language as a form of social interaction, we assume reading as a dialogical process of meaning construction. We look, therefore, to the materiality of the written text as a place of dialogue between reader and writer, what characterizes the reading as responsive act. From this perspective, we aimed to investigate the possibilities of children's literature, in order to understand the dialogues that are established between the text, its context and its reader. In this paper, we propose to trace an analysis of the construction of its meanings. To do so, we chose the methodology of the evidentiary paradigm, developed by Carlo Ginzburg (1989), which, in consonance with Bakhtin's heteroscientific perspective (2003), allows us to focus on language without generalizations or "objectifications". As a result, the analysis developed made it evident that the book, as a real unity of discourse, is not limited to its printed pages, on the contrary, it expands and dialogues with the texts that preceded it, with the context of its production and, mainly, with its reader and, in this movement of alternating voices, its meanings are constituted.

**KEYWORDS:** reading; children's literature; bakhtinian studies, evidentiary paradigm.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: gabrieledsouza@outlook.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, e-mail: fabiana.giovani@ufsc.br.

## INTRODUÇÃO

*O livro é o começo para um grande universo de perguntas.  
Antje Damm*

Investigar as possibilidades de leitura de um texto escrito é, fundamentalmente, trabalhar no âmbito da linguagem. Assumindo a perspectiva bakhtiniana, que concebe a linguagem como forma de (inter)ação social entre sujeitos, a leitura se configura como um processo dialógico de construção de sentidos. Em linhas gerais, isso significa que a materialidade do texto se configura como o ponto de encontro entre leitor e escritor, este, como locutor, dialoga com aquele, que no papel de *interlocutor* interpreta e responde ativamente ao que é dito/escrito.

O texto é, pois, o lugar onde o encontro se dá. Sua materialidade se constrói nos encontros concretos de cada leitura e estas, por seu turno, são materialmente marcadas pela concretude de um produto com “espaços em branco” que se expõe como acabado, produzido, já que resulta do trabalho do autor escolhendo estratégias que se imprimem no dito. O leitor trabalha para reconstruir esse dito baseado também no que se disse e em suas próprias contrapalavras. (GERALDI, 1997, p. 167).

O sentido do texto é assim construído a cada leitura, a cada diálogo estabelecido entre quem o escreve e quem o lê. Acerca disso, Duarte (1998, p. 25) discorre que “não é somente o autor que dá sentido ao texto, nem tampouco é somente o leitor, e o texto, fora da situação de interlocução, também não tem sentido em si”. Nesse sentido, ato de ler não se caracteriza como passivo, ao contrário, é *responsivo* e pressupõe a alternância das vozes de sujeitos reais em diálogo. Dessa forma, o texto escrito, analisado sob as lentes bakhtinianas, é compreendido como enunciado real e vivo do/no discurso, e se constitui como unidade discursiva dentro de uma cadeia dialógica instaurada entre indivíduos historicamente situados, portanto, como escreve Brait (2005, p.93), “[...] a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar de atualização do enunciado”. Assim sendo, o discurso constitui-se dentro de uma determinada historicidade e a comunicação discursiva só se realiza dentro do diálogo do *eu* com o *outro*.

Dentro desta concepção a leitura é compreendida como forma de interação discursiva, e como tal é situada e atravessada pelos valores do contexto em que ocorre. Por conseguinte, o texto – como unidade discursiva constituída a partir da interação entre sujeitos inseridos dentro de determinados contextos espaço-temporais e determinada realidade histórico-social – além

de refletir e refratar a realidade<sup>3</sup> ao ganhar significado e sentidos dentro do processo de leitura, desempenha um papel fundamental na própria construção da subjetividade dos indivíduos que estão interagindo com ele. Tendo isso em vista, afirma-se que

[...] fala e escrita inserem-se, enquanto práticas efetivas, num quadro comunicacional que privilegia a multiplicidade, a diversidade, a diferença, a alteridade ou, para usar os termos de Bakhtin, a polifonia, o dialogismo, a heteroglossia, a poliglossia. Nesse quadro, instauram-se relações intersubjetivas em que o um e o outro, isto é, falante-ouvinte, escritor-leitor, se constituem como sujeitos do discurso. (BRANDÃO, 2005, p.270).

À luz do dialogismo bakhtiniano, este trabalho tem como objetivo debruçar-se sobre o livro infantil, com a proposta de esboçar uma análise sobre a construção dos seus sentidos, por conta disso, esta pesquisa se insere no campo das ciências humanas. É preciso deixar isso esclarecido, pois a pesquisa inscrita nesta área trata “[...] da vida humana que começa a ser pensada a partir do nascimento social do homem” (GIOVANI, 2017, p.3), afasta-se do rigor científico e da exatidão positivista – que propõe encontrar, em seus estudos, verdades absolutas – e requer a adoção de uma perspectiva fundada sobre a premissa de uma *ciência-outra*, uma *heterociência* preocupada com a profundidade e não com a generalização, com a humanização e não com a “coisificação” (BAKHTIN, 2017).

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode se tornar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico. (BAKHTIN, 2017, p.66).

Logo, na pesquisa em ciências humanas, o pesquisador sai “[...] do lugar positivista que acaba por transformar em certeza o que é possibilidade” (GIOVANI; SOUZA, 2017, p.20) para investigar seu objeto de maneira individual e única. Por tudo isso, é possível assumir que na pesquisa em ciências humanas parte-se para a esfera do que é singular e se adota, como objeto

---

<sup>3</sup> Ao afirmar que o texto constitui-se como objeto que reflete e refrata a realidade, parte-se do que escreve Volóchinov (2018) em “Marxismo e Filosofia da Linguagem” para fundamentar a pressuposição de que o texto, como unidade do discurso repleta de signos é parte material da realidade, que não somente participa dela, mas também pode transformá-la. Nesse sentido, assume-se a perspectiva do Círculo bakhtiniano, e se considera o signo como essencialmente ideológico, isto é, que carrega valores a depender do contexto social e histórico em que está inserido. Dessa forma, ao serem significados (no sentido de receber um valor) os objetos físicos transformam-se em signos e “sem deixar de ser uma parte da realidade material, esse objeto em certa medida, passa a refletir outra realidade” (VOLÓCHINOV, 2018, p.92). Volóchinov (2018, p.93) escreve ainda: “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”.

de pesquisa, os seres *expressivos e falantes*<sup>4</sup> que dialogam entre si e constituem-se como indivíduos por meio desta interação.

Não obstante, olhar para o sujeito como ser social, que se constitui como “eu” dentro do diálogo com o “outro” – diálogo este que só é possível mediado pela linguagem – pressupõe olhar para o discurso e, por conseguinte, para os textos que são produzidos por este sujeito. Partindo disso, o texto, como unidade do discurso e como tudo o que é passível de leitura, constrói-se, também, a partir do encontro com outros textos, ou, nas palavras de Bakhtin (2017, p.67) “um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, fazendo dado texto comungar no diálogo”.

Na tentativa de compreender o texto comungado no diálogo, contata-se a teoria delineada pelo Círculo de Bakhtin e propõe-se neste trabalho, por meio da metodologia do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), investigar o texto escrito em sua materialidade. Para tanto, foi selecionado como objeto de análise o livro infantil “A Visita”, escrito e ilustrado pela arquiteta alemã Antje Damm. A proposta deste trabalho é perceber de que maneira o livro dialoga retrospectivamente com a vida cotidiana – isto é, como ele se relaciona com as experiências anteriores a sua escrita – e prospectivamente, com o seu leitor, que responde a ele de maneira ativa e, portanto, participa da construção dos sentidos do livro.

Para isso, retoma-se uma entrevista concedida por Antje Damm ao portal de notícias do Itaú Social e, com base nas falas de Damm, torna-se possível delinear uma proposta de análise de aspectos da semiose do livro selecionado, principalmente suas ilustrações. Pretende-se, portanto, olhar para o livro do mesmo modo como um detetive olha para a cena do crime: coletando pistas, criando hipóteses e abrindo caminhos que possam levar ao *desvendar do mistério*, tendo sempre em mente que

[...] a própria observação do detetive depende de seu conhecimento de mundo anterior ao momento da investigação. O detetive observa algum fato como relevante porque possui algum conhecimento que relaciona aquele fato à decifração do mistério. O conhecimento que ele tem é contextualizador de suas hipóteses, porque ele as faz tendo em vista seu domínio sobre o assunto em questão (DUARTE, 1998, p.44).

---

<sup>4</sup> Estas considerações iniciais partem dos escritos do filósofo e estudioso da linguagem Bakhtin (2017, p. 59) que escreve: “O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado”.

Em síntese, a partir do que escreve Bakhtin (2017), considera-se que o livro, como texto escrito, não se limita às páginas impressas, ao contrário expande-se e dialoga com os textos que o precederam, com o contexto de sua produção e, principalmente, com o seu leitor. Este, por sua vez, responde ao livro que lê, como sujeito inserido em determinado contexto e que se constitui, dialogicamente, dentro dele.

Sistematicamente, este trabalho divide-se em três seções, além desta introdução, a saber: a segunda seção é dedicada a explorar alguns conceitos teóricos que fundamentam a análise aqui proposta, para isso serão resgatados os pressupostos desenvolvidos pelos estudos bakhtinianos; na terceira seção, propõe-se definir os caminhos metodológicos que possibilitaram a análise do livro selecionado, bem como situar o fazer científico inscrito no âmbito das ciências humanas; enquanto na quarta seção, apresenta-se uma possibilidade interpretativa de “A Visita”, por meio da análise das suas ilustrações. Esta relação intratextual, entre palavra e desenho, é colocada, também, em diálogo com aspectos extratextuais que compõem o sentido da narrativa, isto é, a vida e as possibilidades da leitura. Por fim, têm-se as considerações finais desta análise.

## **1. ESTABELECENDO O PONTO DE PARTIDA**

A partir do que é evidenciado nos escritos de Bakhtin e seu Círculo, o ponto de partida para a proposta de análise aqui delineada é a compreensão de que a linguagem permeia toda e qualquer relação humana – ou nas palavras de Bakhtin (1997, p.261) a compreensão de que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. Além disso, ainda segundo o filósofo russo, entende-se que o trabalho com a linguagem envolve a investigação de enunciados concretos que possibilitam a comunicação nas diversas esferas de atividade humana, uma vez que “o emprego da língua efetua-se na forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 1997, p.261).

Esta breve retomada teórica é de suma importância, pois, através dela, é possível estabelecer que a interação humana torna-se possível através da enunciação e que esta só se realiza por meio da linguagem. Por conseguinte, toda enunciação prevê uma resposta para que a comunicação se efetue – uma pergunta se configura como pergunta, porque é dirigida a alguém e pode ser respondida por este alguém: assim o diálogo é estabelecido e através dele, da interação discursiva entre um *eu* e um *outro*, o mundo é significado, ganha sentidos e valores. A linguagem, neste sentido, é fundamentalmente dialógica e a dialogia representa este “[...] momento de produção de sentido, de dizeres e de trocas significativas” (GIOVANI, 2010, p.19).

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (BAKHTIN, 1997, p. 275).

Acrescenta-se a isso o que escreve Barros (2005, p.32), sobre o discurso pressupor mais de uma voz: “[...] o discurso não é individual [...]: não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores, que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um “diálogo entre discursos”, ou seja, porque mantém relações com outros discursos”. Conclui-se, a partir do que as autoras escrevem que o discurso é o lugar de encontro destas vozes que *enunciam*, isto é, que por meio de enunciados concretos dialogam.

Não obstante, seguindo o fio que tece esta perspectiva, o livro infantil é concebido como texto escrito e, portanto, deve ser analisado como um enunciado concreto, passível de leitura, isto é, o livro se configura como unidade do discurso ao pressupor a interação entre sujeitos. A leitura de um texto é, como supracitado, o momento em que ocorre o diálogo entre estes sujeitos e o resultado da interação entre a palavra escrita e as contrapalavras do leitor, da alternância de vozes desses sujeitos, é construção dos sentidos do texto que é lido.

Um texto é um objeto material que, ao ser tomado como o texto produzido por um sujeito, torna-se um enunciado, algo proferido em contexto e portanto endereçado, dirigido a outros sujeitos, parte de um processo de instauração de sentidos cujas “marcas” estão em sua própria materialidade! O texto traz potenciais de sentido, é uma materialidade com a qual são instaurados sentidos a partir da produção do discurso. (SOBRAL, 2012, p.34).

Ademais, neste processo dialógico de construção do texto e de atribuição de sentidos a ele, ocorre o que se denomina *cotejo*<sup>5</sup>. Para compreender o que caracteriza este conceito, retoma-se o que foi brevemente explicitado na introdução deste trabalho: a premissa de que todo texto é construído por meio do contato com outros textos. Sobre a perspectiva dialógica se funda a percepção de que em cada texto é possível escutar um coro de vozes que ecoam em cada palavra<sup>6</sup> e “cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de um dado texto com outros textos” (BAKHTIN, 2017, p.66) – sendo a própria interpretação de um dado texto outro texto.

---

<sup>5</sup> Com apoio da arquitetura bakhtiniana, compreendemos o cotejo de textos como a única forma de desvendar os seus sentidos.

<sup>6</sup> Refere-se aqui ao que Barros (2005, p.33) escreve: “o dialogismo [...] define o texto como um “tecido de muitas vozes” ou de muitos discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no *interior* do texto”.

Não se pode entender a interpretação como passagem da linguagem do outro para a minha linguagem. [...] Compreender o texto tal qual o próprio autor o compreendia. Mas a interpretação pode e deve ser melhor. A criação poderosa e profunda é, em muitos aspectos, inconsciente e polissêmica. Na interpretação ela é completa pela consciência e descobre-se a diversidade dos seus sentidos. Assim a interpretação completa o texto: ela é ativa e criadora. (BAKHTIN, 2017, p.35).

De modo a sistematizar e tornar tangível tais noções, traz-se o que Barros (2005, p.26-27) define como texto dentro do dialogismo:

- a) Objeto significante ou de significação, isto é, o texto significa;
- b) Produto da criação ideológica ou de uma enunciação, com tudo o que está aí subentendido: contexto histórico, social, cultural etc. (em outras palavras, o texto não existe fora da realidade, só existe nela e para ela e não pode ser reduzido à sua materialidade linguística [empirismo objetivo] ou dissolvido nos estados psíquicos daqueles que o interpretam [empirismo subjetivo]);
- c) Dialógico: já como consequência das duas características anteriores, o texto é para [Bakhtin] constitutivamente dialógico entre os interlocutores e pelo diálogo com outros textos;
- d) Único, não reproduzível: os traços mencionados fazem do texto um objeto único, não reiterável ou repetível.

O texto se completa no processo da leitura, do cotejo e do diálogo entre leitor e escritor, pois é neste encontro que seu sentido é construído. Tomando como base tudo o que foi escrito até então, parte-se para a análise do livro infantil selecionado com o pressuposto de que o livro, como linguagem escrita, é um “elo discursivo na cadeia da comunicação” ligado, dentro do discurso, aos elos que lhes são precedentes e subsequentes (BAKHTIN, 1997):

Cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites, o enunciado [...] reflete o processo do discurso, os enunciados dos outros, e antes de tudo os elos precedentes a cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez ou outra até os muito distantes – os campos da comunicação cultural). (BAKHTIN, 1997, p.299).

E ainda, parte-se para esta análise sabendo que, como escreve Bakhtin (2017, p.44), “não pode haver discurso separado do falante, de sua situação, de sua relação com o ouvinte”. À narrativa, essas duas vozes – do falante (escritor) e do ouvinte (leitor) – atribuem sentido.

Finalmente, sendo o livro infantil o objeto de análise deste trabalho, faz-se necessário defini-lo, mesmo que resumidamente. Antes disso, reitera-se que, dada a natureza responsiva do enunciado, todo texto é dirigido a alguém e “[...] tem algum objetivo, ou seja, é um elo real na cadeia da comunicação discursiva em determinado campo da atividade humana ou da vida” (BAKHTIN, 1997, p.288). Assim, toma-se como base o texto de Ferreira e Araújo (2015) – em

que se propõe como característica fulcral do livro infantil a relação estabelecida entre palavra e imagem – para destacar que o objetivo deste tipo de texto é contar uma história ao seu destinatário: a criança. “Juntos, texto e ilustração assumem a responsabilidade da narrativa no livro infantil. Essa dinâmica de linguagens é que torna o livro um espaço lúdico para a criança” (FERREIRA; ARAÚJO, 2015, p.2). Em outras palavras, o livro infantil configura-se como um texto escrito, em cujas páginas a escrita e suas ilustrações – palavra e desenho – ganham sentido e seus significados relacionam-se para compor um enunciado.

## **2. A PESQUISA NO ÂMBITO DAS CIÊNCIAS HUMANAS: UM CAMINHO METODOLÓGICO**

Colocar-se diante de algum objeto ou evento a fim de estudá-lo, pressupõe assumir determinado posicionamento teórico que direcione tal investigação. Este posicionamento será definido a partir da filiação do pesquisador a concepções científico-filosóficas e se desenvolverá por meio de escolhas metodológicas, que permitem um desenvolvimento coerente da pesquisa dentro da sua pressuposta filiação. Desse modo, a pesquisa não se desenvolve a partir de um olhar neutro, ao contrário, a filiação do pesquisador à determinada concepção teórica fundamenta e organiza o modo como ele se posiciona diante do evento ou fato que pretende analisar. Em vista disso, como explicitado nas seções anteriores, este trabalho insere-se na área das ciências humanas e se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, que pretende a partir da teoria bakhtiniana voltar-se ao estudo da linguagem, mais especificamente do texto escrito a fim de compreendê-lo como unidade real do discurso. Portanto, evidencia-se que

[...] pesquisar - especialmente em ciências humanas - é lidar com linguagem e, conseqüentemente, com o cotidiano e a partir dele contribuir com a ciência de nossa época. Cotidiano este frequentemente desprezado porque nele somos levados a reconhecer a unicidade de cada sujeito, a singularidade de cada momento, enfim, implica abrir o caminho para as incertezas (GIOVANI, 2017, p.4).

Em suma, encontra-se nos estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu Círculo a base teórica para a análise aqui proposta. E na delimitação do ser – que responde ao outro (outros indivíduos, sociedade, mundo...) de maneira expressiva – como objeto de estudo das ciências humanas, encontra-se o espaço para compreender o texto escrito, pois compreender as singularidades do texto é compreender a constituição dialógica do ser. Por esta perspectiva adotar um caráter *heterocientífico*<sup>7</sup>, vai à contramão do modelo científica hegemônico, seguindo pressupostos que

---

<sup>7</sup> Termo advindo da “heterociência” cunhado por Bakhtin e seu Círculo de estudos.

não se enquadram na perspectiva científica positivista e “[...] proporciona que na e pela linguagem se faça um mergulho de compreensão profunda da atividade verbal” (GIOVANI, 2017, p.4).

Defende-se, portanto, a centralização do ser expressivo e falante, que se constitui como sujeito ao estar mergulhado em relações mediadas pela linguagem, na pesquisa em ciências humanas. Com isso, investiga-se o ser humano como indivíduo que produz textos determinados por sua historicidade, isto é, como indivíduo que se insere em um contexto social, cultural e histórico e interage com outros indivíduos também inseridos em contextos sociais, culturais e históricos.

A pesquisa em ciências humanas, por conseguinte, convoca o “outro”. E isso não se pode evitar se partirmos da teoria bakhtiniana. Diante da pesquisa, que não é apenas reconhecer o diferente, mas se distanciar dele; há sempre interrogação, dúvida, questionamento, será que esta pista me prova somente isso? (GIOVANI; SOUZA, 2017, p. 67-68).

Ademais, com as concepções desta *ciência-outra*, são abertos os caminhos para a possibilidade. À luz premissa de que “[...] pesquisar – especialmente em ciências humanas – é lidar com linguagem e, conseqüentemente, com o cotidiano e a partir dele contribuir com a ciência de nossa época” (GIOVANI, 2017, p 346), faz-se necessária uma *metodologia*<sup>8</sup> que, em concordância com a teoria bakhtiniana, permita um olhar profundo e minucioso sobre a vida e sobre a linguagem, isto é, sobre a singularidade das interações humanas. Logo, a metodologia do paradigma indiciário, desenvolvida pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) mostra-se como uma alternativa profícua para que se realize este trabalho, como é destacado por Geraldi (2012, p.35). Sobre esta metodologia, o autor ainda aponta:

Trata-se aqui de considerar um indício ou sinal para formular uma hipótese (raciocínio abduativo) com a qual se constrói um sentido provisório. A hipótese formulada permite encontrar outros indícios (no mesmo texto ou em outros textos correlatos) com que se confirma o sentido provisório construído ou se abandona este sentido por outro mais adequado agora baseado nos novos indícios que darão ao primeiro indício também outro sentido. [...] Esse sentido não esgota os sentidos possíveis – que são inacabáveis – mas é aquele a que se chegou operando com os dados disponíveis no momento da pesquisa.

---

<sup>8</sup> Adota-se, neste trabalho, o termo metodologia e não método para caracterizar os caminhos interpretativos percorridos pelo pesquisador. Faz-se isso em concordância com a distinção entre método e metodologia proposta por Geraldi, em seu texto “Heterocientificidade nos estudos linguísticos”, nele o autor escreve que: “dispor de uma metodologia é dispor de princípios, que precisam ser aliados à intrepidez, à astúcia, à argúcia e à perspicácia. Dispor de um método e ter corrimãos definindo a caminhada para se descobrir o que previamente se conhecia, sem expor-se ao desconhecido” (GERALDI, 2012, p.24). Dessa maneira, ao trabalhar com a produção de sentidos do texto escrito dentro do processo de leitura, investiga-se a sua singularidade, por isso, é preciso adotar meios de compreendê-lo sem cair em generalizações.

Em linhas gerais, a metodologia proposta por Ginzburg (1989), afirma-se nas ciências humanas e se baseia na semiótica, uma vez que as raízes do paradigma indiciário remontam à época em que o ser humano rastreava sua presa a partir da observação: pegadas na lama eram registradas, interpretadas, e se transformavam em indícios de onde se poderia encontrar a caça. Este conhecimento milenar foi repassado por gerações através da contação de fábulas, sendo a mais proeminente a lenda dos três irmãos, que, “[...] através de indícios mínimos, puderam reconstruir o aspecto de um animal que nunca viram” (GINZBURG, 1989, p.152).

Carlo Ginzburg, em vários de seus textos, apresenta um modelo epistemológico que é pautado em análises qualitativas de dados singulares, denominado por ele de paradigma indiciário. Trata-se de um percurso interpretativo, no qual o pesquisador procura pistas no objeto de estudo. E constrói o objeto fazendo inferências sobre sua singularidade, dados irrelevantes, às vezes, para os leigos no assunto (GIOVANI; SOUZA, 2017, p.42).

Colocando a base teórica deste trabalho em concordância com este modelo epistemológico, parte-se da linguagem e pela linguagem torna-se viável caminhar até uma possível compreensão da atividade verbal (GIOVANI, 2017). A adoção do paradigma indiciário como metodologia, assim, se justifica por permitir um trabalho rigoroso e flexível, pois ele oportuniza a investigação das particularidades do texto escrito sem se limitar a uma análise da estrutura do texto separada de seu contexto, o que abre o fazer científico para as possibilidades interpretativas do pesquisador.

À vista disso, compreende-se a interpretação como um movimento dialógico que segue as etapas: “[...] o ponto de partida – um dado texto, o movimento retrospectivo – contextos do passado, movimento prospectivo – antecipação (e início) do futuro contexto” (BAKHTIN, 2017, p.67). Sistemáticamente, o ponto de partida desta análise é o livro infantil “A Visita”; o movimento retrospectivo, aqui, realizou-se com a retomada de uma entrevista concedida por Antje Damm ao portal de notícias do Itaú Social; e o movimento prospectivo concretiza-se nas possibilidades de construção do sentido do texto.

Esse movimento de interpretação é considerado [...] como o mais viável porque se aproxima da materialidade/concretude dos discursos e, por isso, foge da abstração (de considerar o sujeito somente como algo estável e determinado), permitindo ao mundo dos signos uma outra possibilidade de interpretação que não seja a sustentada pelo poder (MANFRIM, 2006, p.30).

Por tudo isso se torna possível analisar o livro selecionado em sua integridade, unicidade e historicidade: como um elo na cadeia discursiva, ou seja, como um enunciado, como um texto

escrito que se constitui no diálogo com os textos que o precederam e com os que o sucederão. Parte-se, então, para esta análise com a hipótese de que o texto escrito por Antje Damm se comunica não somente com seu leitor – através da palavra escrita e das ilustrações que compõem o livro – como também reflete as experiências vividas antes da produção da narrativa. Propõe-se mostrar que, nas páginas de “A Visita”, a realidade experienciada pela escritora é refratada e se reflete nas cores que permeiam a história. O trabalho aqui se desenvolve com o objetivo de desvendar como estes diálogos se instauram e como eles podem determinar quais sentidos devem ser atribuídos pelo leitor à história.

### **3. A VIDA NA NARRATIVA: O TEXTO ANALISADO SOB AS LENTES DIALÓGICAS**

Dentro de uma caixa são colocadas duas personagens, Antje Damm as fotografa e por meio dessas fotos é contada a história do encontro entre Elise – uma velhinha muito medrosa, que vivia sozinha e nunca saía de casa – e Emil – um menino curioso. Nesta maquete é montado um universo, e deste universo é feito um recorte, as lentes da câmera aproximam-se de uma relação de amizade que começou quando, acidentalmente, um menino perdeu seu aviãozinho de papel.

Na sinopse do livro – transcrita abaixo –, é apresentada a personagem principal da narrativa e já são colocadas ao leitor algumas perguntas. Uma das características do estilo de Damm é a pergunta, de acordo com ela “[...] devemos encontrar nos livros as possibilidades para fazer perguntas, iniciar discussões e conversas” (DAMM, 2020). Dessa maneira, a escritora assume seu papel de locutora em diálogo com seus leitores (interlocutores) e antes mesmo de ser iniciada a leitura do livro, são feitos questionamentos que incentivam à leitura do texto, local onde serão encontradas algumas respostas.

Elise é uma mulher muito medrosa. Tem medo de aranha, medo de gente e até medo de árvore. Por isso vive sozinha e sozinha pretende ficar. Mas quando menos espera, um aviãozinho de papel entra por uma janela. No dia seguinte, certa visita bate em sua porta. E agora, o que fazer? Será que ela deve receber um estranho em sua casa – e abrir um espaço como essa em sua vida? (DAMM, 2016, contracapa).

Não obstante, no livro estabelece-se diálogo, também, com a vida cotidiana, que serve de mote para Antje Damm construir sua reflexão acerca da solidão na velhice em consequência do medo. Isso é evidenciado na premissa do enredo de “A Visita”, que se baseia em experiências vividas pela escritora alemã, como ela ressalta em entrevista concedida ao portal de notícias do Itaú Social, o que ratifica a pressuposição de que todo texto dialoga tanto com o

contexto extratextual de sua produção, como com os textos que o precedem (BAKHTIN, 2017). Retomando as falas da autora, dois fatos inspiraram-na a escrever sobre o encontro da medrosa e solitária senhora com uma criança, a saber: (i) a percepção de que “[...] quando uma criança entra em uma sala e muda a situação só por estar lá ou fazer alguma coisa por conta própria” (DAMM, 2020); e (ii) o convívio com uma vizinha idosa que mora sozinha.

Com base nisso, fica claro que o livro escrito por Damm se relaciona com o que o precedeu: a experiência cotidiana que inspirou a construção da narrativa; e com o que resultará de sua leitura: as respostas, que serão dadas à história por seus leitores. A escritora diz, naquela entrevista, que “[...] essas histórias estavam na minha cabeça, mas eu não sabia exatamente o que iria acontecer nesta maquete. Aí eu fui construindo e a história foi se desenvolvendo passo a passo até virar um livro” (DAMM, 2020), esta fala ilustra o fato de que

[...] a palavra não é desligada do passado, solta ao sabor do vento, nem desatada do futuro, voando para além sem precedentes. As palavras são ditas e situadas no mundo, histórica e ideologicamente, elas assinalam tanto uma memória do passado, quanto uma memória do futuro. (GIOVANI; SOUZA, 2017, p. 24).

A memória futura se concretiza durante a leitura e se constrói nas possibilidades propostas tanto pelos encontros estabelecidos entre palavra escrita e cenário fotografado quanto pelos encontros entre o escritor que faz perguntas e o leitor que responde ativamente a elas. Dessa forma, destaca-se que “a produção de um texto é perpassada por vários aspectos [e que] quem se propõe a dizer algo sempre o estará fazendo tendo em vista um interlocutor, mesmo que este o seja somente em potencial [...]” (DUARTE, 1998, p.26).

Sendo o leitor a quem se destina o livro infantil a criança que muitas vezes, ainda está em processo de apreensão da modalidade escrita da língua, faz-se necessário trazer para este texto alguns aspectos das ilustrações que compõem a narrativa do livro em análise, a fim de descrevê-las, uma vez que elas desempenham papel fundamental na história como um elemento que auxilia na construção dos sentidos do texto, dialogando com o leitor. Faz-se isso, pois “quando o livro se destina ao leitor iniciante, a ilustração desempenha função ainda mais importante, através dela a narrativa ganha vida, sai do campo da imaginação e concretiza-se em espaços, linhas, formas e cores” (FERREIRA, ARAÚJO, 2015, p.2). Com isso em mente, lança-se um olhar metódico às cores do livro, na tentativa de nelas encontrar indícios de como, em “A Visita”, elas comunicam ao leitor mudanças que se operam nas personagens ao longo de seu encontro.

O ângulo, enquadramento, efeitos de cor ou tonalidade ou até mesmo a iluminação, que realça ou esconde determinados aspectos da imagem a gosto do ilustrador, carregam a ilustração com significados sociais capazes de estimular interpretações que não estão contidas no texto. Assim sendo, o ilustrador tem o poder de complementar o sentido do texto. (FREIRE apud FERREIRA; ARAÚJO, 2015, p.4).

Nesse sentido, mergulha-se nos indícios deixados pela escritora em seu texto na tentativa de compreender as ilustrações como pistas do que o texto pode significar e de como elas refletem a realidade já vivida, ali refletida e refratada através das cores. Neste cenário, em que a cor é usada como elemento narrativo, está também o leitor: quem atribui sentidos ao que é lido.

### 3.1 Dentro da maquete fotografada

A narrativa inicia com a apresentação da personagem Elise inserida em um cenário acinzentado – sua casa. Inicialmente, o único ponto com cores na imagem se encontra do lado de fora das janelas da maquete, como se observa nas Fig. 1 e 2 abaixo:



**Figura 1.** Fonte: retirado de DAMM (2016) pelas autoras.

O primeiro objeto colorido que aparece na história é um avião de papel que entra acidentalmente, na casa de Elise, pela janela aberta, como se vê na Fig. 2.



**Figura 2. Fonte:** retirado de DAMM (2016) pelas autoras

A partir dessas duas imagens, construiu-se a interpretação de que a cor cinza predominante no cenário interno da maquete – a casa e a própria Elise – se relaciona aos sentimentos de solidão e medo, característicos da personagem que mora sozinha e “tem medo até de árvore”. O cenário cinzento passa a ganhar cores primeiro com a chegada do aviãozinho de papel, um elemento externo à casa e estranho à Elise e, depois, com a visita do menino Emil, que procura o aviãozinho perdido (Fig. 3). Emil é uma personagem cheia de cores (o vermelho e o amarelo, cores relacionadas à alegria, segundo Ferreira e Araújo (2015), representam-no).



**Figura 3. Fonte:** retirado de DAMM (2016) pelas autoras

Dando sequência à narrativa, o menino entra na casa de Elise para usar o banheiro e, por onde passa, espalha um rastro colorido (Fig. 4) que tinge a casa monocromática e triste de Elise. Assim, é possível relacionar às cores da personagem os sentimentos de alegria, otimismo e despreocupação característicos das crianças.



**Figura 4. Fonte:** retirado de DAMM (2016) pelas autoras

O menino passa o dia com Elise, conversando e brincando com a senhora, que aos poucos perde o medo e se abre para a amizade, isso faz com que, ao final da narrativa, a casa de Elise esteja tomada por cores: ela já não está mais sozinha e já não sente mais medo do que existe fora de sua casa.



**Figura 5. Fonte:** retirado de DAMM (2016) pelas autoras



**Figura 6. Fonte:** retirado de DAMM (2016) pelas autoras

A história não tem fim, como ressalta a autora: a intervenção final do narrador (Fig.7) deixa uma *pergunta* implícita ao leitor e cabe a ele imaginar o que acontece com as personagens.

Isso fica claro nas últimas duas páginas do livro (Fig. 5 e 6), pois estas são dedicadas exclusivamente a ilustrações de Elise confeccionando um novo aviãozinho de papel e à ilustração da casa de Elise vazia.

Segundo Antje Damm (2020):

Um aspecto que considero significativo neste livro é que a história não tem fim. Então, existe a possibilidade de as crianças entrarem na história e se tornarem parte dela. E é assim que as crianças passam a entender essas perguntas; isso é muito valioso para mim. Quando dou oficinas para crianças e professores, digo aos professores que eles devem encontrar nos livros essas possibilidades para fazer perguntas, iniciar discussões e conversas. *O livro é o começo para um grande universo de perguntas*. Não quero dar mensagens com os meus livros, essa não é minha intenção. Não tenho essa ideia de ensinar ou dar algo às crianças. Quero apenas *abrir possibilidades*, só isso. A minha intenção é que elas reflitam sobre suas próprias vidas. (DAMM, 2020, grifos nossos).



**Figura 7. Fonte:** retirado de DAMM (2016) pelas autoras

Com essa breve retomada da narrativa e de seus elementos semióticos, foi possível reconhecer as pistas que ratificam a hipótese de que, no livro de Antje Damm, é estabelecido um diálogo do texto com imagem, e que este diálogo é produto do contato com outros textos, do contato com a vida. No livro são colocados em contato, também, escritor e leitor: Damm narra ao seu destinatário as suas próprias experiências, ela conta sobre a vida e espera que a criança leitora responda à história de Elise e Emil com suas próprias palavras. Portanto,

[...] podemos admitir que o texto seja um lugar privilegiado para encontrarmos grande parte dos seus sentidos possíveis, mesmo porque ele contém certos elementos necessários, ainda que não suficientes, para a produção de sentidos, justamente porque é ali que se materializa a interação entre autor e leitor. (DUARTE, 1998, p.17-18).

É neste lugar privilegiado que coexistem inúmeras possibilidades de atribuir sentidos a partir do que foi escrito. Como deixa claro Brandão (2005, p.270), o texto, desde sua concepção, apresenta uma preocupação com seu destinatário, isto é, seu leitor, pois, junto das palavras do

autor, ele construirá com suas próprias palavras o sentido do texto. Brandão (2005, p.270-271) ainda enumera, em duas instâncias, os níveis em que o leitor se institui cooperativamente dentro do texto, a saber: (i) no nível pragmático, em que se estabelece o diálogo entre escritor e leitor:

[...] o escritor está atento ao seu destinatário, mobilizando estratégias que tornem possível a comunicação. Na perspectiva bakhtiniana, o outro na figura do destinatário instala-se no próprio movimento de produção do texto na medida em que o autor orienta a sua fala, tendo em vista o público-alvo selecionado.

e (ii) no nível linguístico-semântico, em que, durante o processo de leitura, o leitor atribui sentidos ao texto:

[...] É o movimento da leitura, o trabalho da elaboração de sentidos feito pelo leitor que dá concretude ao texto. Em graus diferentes de complexidade, um texto é sempre lacunar, reticente. Apresenta vazios – implícitos, pressupostos, subentendidos – que se constituem em espaços disponíveis para a entrada do outro, isto é, em espaços disponíveis a serem preenchidos pelo leitor.

Em se tratando de “A Visita”, o sentido da narrativa é atribuído (i) por meio da relação estabelecida entre as palavras escritas e as ilustrações impressas – nível linguístico-semântico –, já que tanto a palavra quanto a imagem são, neste livro, passíveis de leitura e, em alguns momentos, um só pode ser compreendido a partir do outro (como na Fig. 8, em que Emil aparece apontando para um retrato de Elise e perguntando a ela sobre ele); e (ii) no espaço a ser preenchido pelo leitor que é, no caso da narrativa de Damm, o próprio fechamento da história – nível pragmático. Em resumo, a escritora fornece possibilidades ao seu leitor, através das ilustrações, sobre o que pode ter acontecido com Elise, mas quem decide como a história termina é a própria criança. Aqui a leitura se abre para a possibilidade e o livro se fecha com o início de um universo.



**Figura 8.** Fonte: retirado de DAMM (2016) pelas autoras

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na esteira do que escreve o filósofo russo Mikhail Bakhtin e seu Círculo de estudos, propusemos construir, neste artigo, uma investigação acerca dos diálogos que se estabelecem na materialidade do texto escrito. Este movimento interpretativo foi possível, pois assumimos uma posição heterocientífica diante do nosso objeto – o livro infantil – e o colocamos em contato com seu contexto e com suas possibilidades de leitura, ou nas palavras de Bakhtin: cotejamos o texto prospectivamente e retrospectivamente. Partimos, portanto, do pressuposto de que a linguagem permeia toda e qualquer prática social e integra a vida através de enunciados concretos – orais ou escritos –, para analisar os indícios do livro “A Visita”, escrito e ilustrado por Antje Damm, a fim de compreender como este texto reflete e refrata a realidade.

Assim, nossa escolha metodológica nos permitiu realizar uma análise indiciária do texto em sua integridade – sem generalizações ou coisificações –, a partir da qual percebemos como a vida cotidiana é incorporada nas palavras escritas e nas ilustrações de “A Visita” e, para além, com este estudo pudemos mostrar como o livro se configura como um “universo de possibilidades” para o seu leitor, sujeito que responde ativamente à narrativa. Dessa forma, a análise aqui proposta evidenciou o texto como espaço de interlocução, em que o ato de ler adquire um caráter responsivo, ou, em outras palavras como um processo de constituição ativa de seus sentidos.

De modo geral, esta análise se fundamentou na concepção de que todo o texto configura-se como um elo na cadeia discursiva e é repleto das vozes únicas e singulares de seres expressivos e falantes, que se alternam e dialogam neste espaço. Diante do livro infantil – caracterizado como gênero que se constrói na relação entre semioses (texto escrito e ilustrações) e que é essencialmente destinado às crianças – voltamo-nos para suas cores e, como detetives, realizamos a atividade de desvendá-las a fim de construir uma interpretação possível sobre os seus significados. Tendo em mente que os sentidos de um texto são estabelecidos dialogicamente, ou seja, tanto por quem o escreve quanto por quem o lê, a metodologia do paradigma indiciário nos permitiu olhar para a história de Elise e Emil materializada em “A Visita” e a interpretar como um enunciado carregado das experiências da sua escritora e repleto de espaços abertos para as experiências do seu potencial leitor.

Em síntese, o livro aqui analisado – dentro de seu contexto, isto é, como um enunciado escrito dentro de terminado espaço e em um determinado tempo – estabelece um diálogo com o que precedeu à sua escrita: a percepção da autora de que uma criança modifica o ambiente pelo simples fato de estar ali, o que foi traduzido em suas ilustrações, pois iniciamos a leitura

de “A Visita” com o cenário e com a personagem principal, Elise, coloridos em tons predominantemente cinzas, que vão, ao longo do desenrolar da narrativa, sendo pigmentados de novos tons, principalmente, a partir da inserção da personagem Emil. Da mesma forma, a narrativa dialoga com seu interlocutor, na medida em que suscita perguntas, fornece possíveis respostas e deixa espaços abertos na história para que o leitor os preencha ativamente a partir do lugar que ocupa no mundo. Assim o livro se abre em suas infinitas possibilidades para que o leitor interaja com as palavras do autor e as redefina a partir das suas próprias palavras.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. "Os Gêneros do Discurso". In: **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARROS, Diana Luz Pessoa. "Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso". In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p.25-35.

BRAIT, Beth. "Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem". In: **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 87-98.

BRANDÃO, Helena Nagamine. "Escrita, Leitura, Dialogicidade". In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 265-273

DAMM, Antje. **A Visita**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

DAMM, Antje. "Filosofar com crianças é fazer perguntas sem dar respostas" [entrevista concedida a] Kadija de Paula, Itaú Social: Notícias, [S.l.], Nov. 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/antje-damm-filosofar-com-criancas-e-fazer-perguntas-sem-dar-respostas/>>. Acesso em: 25 Fev. 2021.

DUARTE, Cristiane. **Uma Análise de Procedimentos de leitura baseada no Paradigma Indiciário**. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

FERREIRA, Anália Adriana da Silva; LINO DE ARAÚJO, Denise. **A cor como elemento narrativo no livro infantil**. Anais Eletrônicos do Selimel, 2015.

GERALDI, João Wanderley. No espaço do trabalho discursivo, alternativas. In: GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. "A aula como acontecimento". In: **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GERALDI, João Wanderley. "Heterocientificidade nos estudos linguísticos". In: GEGe. **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João editores, 2012.

GIOVANI, Fabiana; SOUZA, Nathan Bastos de. **Bakhtin e a Educação: a ética, a estética e a cognição**. 2.ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

GIOVANI, Fabiana. **A ontogênese dos gêneros discursivos escritos na alfabetização**. 250f. Tese (Doutorado) – Programa de pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2010.

GIOVANI, Fabiana. "Linguagem e heterociência: uma janela aberta para a ideologia do cotidiano". In: **Grupo de Estudos Bakhtinianos [GRUBAKH]**. (Org.). IV Encontro de Estudos Bakhtinianos [EEBA]: das Resistências à Escatologia Política: risos, corpos e narrativas enunciando uma ciência outra. 1ed. São Carlos: Pedro & João editores, 2017.

GIOVANI, Fabiana. "Transgrediência na pesquisa em ciências humanas: o paradigma indiciário". In: SERODIO, Liana e SOUZA, Nathan Bastos de. **Saberes transgredientes**. São Carlos: Pedro & João editores, 2018.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. "A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade". In: **Caderno Cedes**, v.20, n.50, p. 9-25, Abril, 2000.

MANFRIM, Aline Maria Pacífico. **Enunciados Escritos: relações dialógicas entre gêneros discursivos**. 167f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

SOBRAL, Adail. "Interfaces entre Texto, Discurso e Gênero nos estudos da linguagem: uma perspectiva bakhtiniana". In: FIGUEIREDO, D. C.; BONINI, A.; FURLANETTO, M. M.; MORITZ, M. E. (Orgs.). **Sociedade, Cognição e Linguagem: apresentações do IX CELSUL**. Florianópolis: Insular, 2012.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

*Recebido em: 14/04/2020*

*Aprovado em: 15/06/2020*

*Publicado em: 12/08/2021*